

Foïsmo?

DESTRUÍR UN PAÍS

A FIN DO TERRITORIO HUMANIZADO: UN NOVO INTRACOLONIALISMO

Antón BAAMONDE Xosé Manuel BEIRAS Manuel GAAMAÑO Alexandre Alves COSTA Xan CREUS Álvaro DOMINGUES Sergio FERNÁNDEZ Camilo FRANCO Manuel GALLEGRO Pablo GALLEGRO Bieito IGLESIAS Carolina LEITE Rubén LOIS GONZÁLEZ Xosé Lois MARTÍNEZ SUÁREZ Ana Vaz MILHEIRO José MIRANDA Begoña MUÑOZ Xosé OTERO POMBO Chus PATO Xerardo PEREIRO Manuel RIVAS Carlos SANTIAGO Xosé Carlos SIERRA Teresa TÁBOAS Xesús VÁZQUEZ José Antonio VÁZQUEZ MARTÍN

+ Unha lectura en 800 imaxes coordinada por Xavier PAZ con fotografía de Alba VÁZQUEZ CARPENTIER

DIFUSORA
DE LETRAS, ARTES E IDEAS

ANOTAÇÕES SOBRE A ARQUITECTURA, O ESPAÇO E A CULTURA

ARQUITECTURA E CULTURA: UMA VISÃO ANTROPOLÓGICA O BONITO E O FEIO COMO CATEGORIAS CULTURAIS RELATIVAS

A arquitectura pode ser pensada desde diferentes perspectivas e não só como a arte de escrever num espaço através do uso de formas, de proporções, de escalas e de materiais. Desde uma perspectiva antropológica, a arquitectura pode ser definida como uma semiótica que expressa formas de organização social, ideias, valores e padrões culturais (Eco, 1981).

É desde este ponto de vista que podemos melhor interpretar nela, pois a arquitectura faz referência a modos de viver e entender a realidade. A arquitectura é, nesta óptica, um modelo para compreender a realidade e também um modelo de compreensão dessa mesma realidade.

Até uma edificação em ruínas pode ser entendida desta maneira: pode informar-nos sobre o seu ordenamento sócio-espacial e sobre o uso e significado do seu habitar. A sua morfologia delata a lógica, os princípios e os sentidos do texto arquitectónico. Portanto, na arquitectura escreve-se uma forma de entender o humano.

A arquitectura¹ implica um desafio de interpretação, porque os objectos arquitectónicos não foram concebidos inicialmente para comunicar, mas para outros fins eminentemente pragmáticos. Apesar disso, a arquitectura pode ser entendida como um sistema de signos que comunicam algo, inclusivamente sem que os objectos arquitectónicos sejam utilizados para a sua função primária. O que permite o uso da arquitectura não é só a função para a qual foi prevista, mas principalmente os significados ligados a essas funções-significados que guiam o uso da mesma. Um signo arquitectónico baseia-se num significado codificado que determinado contexto cultural atribui a um significante.

O suposto pragmatismo exclusivo da arquitectura² desmascara-se, reflectindo a forma como muitos elementos arquitectónicos têm uma função que foi absorvida pelo seu significado e pela sua dimensão simbólica.

Fazer julgamentos estéticos sobre o que nos rodeia (pessoas, objectos, paisagens...) é uma tendência universal. Os humanos convenciam o que pensam «bonito» e «feio». Podemos observar esta atribuição de categorias culturais na moda, na cosmética, na cultura do corpo, na arquitectura, na pintura, etc. Mas essas atribuições são resultado de uma construção cultural de um olhar, e a perspectiva diz muito mais de quem observa do que quem é observado.

Os humanos idolatram o «bonito» de acordo com padrões de beleza, ainda que às vezes estas idolatrias possam implicar riscos sociais (ex.: anorexia, bulimia...). Em nome da beleza também se podem cometer anti-humanismos. Face a esse risco, o relativismo cultural ensina-nos que os critérios do bonito e do feio mudam no tempo e de cultura para cultura. A partir de certa altura, os edifícios altos podem ser considerados bonitos, sendo associados à ideia de progresso. Décadas depois já se pensa o contrário e que devem ser demolidos. Mas o relativismo cultural não deve servir para justificar que vale tudo e que tudo tem o mesmo valor estético. O relativismo cultural deve ser um instrumento teórico para combater os excessos das teorias da beleza e da fealdade. Portanto, a beleza e a fealdade são categorias culturais relativas a um tempo, a um espaço e a um universo cultural.

«Si Rubens hubiese podido ver un cuadro de Picasso, por supuesto que lo habría encontrado horroroso.» (Umberto Eco, em *El Semanal* n.º 886, 17-10-2004, p. 25)

ARQUITECTURA, ESPAÇO E ESTÉTICA NA VILA GALEGA

Algumas arquitecturas de algumas vilas galegas e dos seus contornos rurais são enquadradas, por alguns, no fenómeno denominado «feísmo», isto é, uma estética considerada de mau gosto contra o que deveria ser o padrão de beleza dominante. Na minha óptica, assistimos a um processo de luta simbólica entre padrões de beleza, no qual a distinção simbólica (Bourdieu, 1988) tem um papel funda-

¹ Eco, Umberto (1989, or. 1968), p. 280 e ss.

² Eco, Umberto (1989, or. 1968), p. 290.



Vila de Palas de Rei, Lugo | Camiño de Santiago-Vía da Prata. Perto de Cambedo | Perto de Prado (Lalín). Autoestrada

mental para comprender estes fenómenos. Esta luta entre padrões de beleza não é uma questão exclusivamente material ou económica – do tipo «só é feio quem não tem dinheiro» –, mas uma questão de afirmação de posições, dentro de uma estrutura social.

No meu trabalho de campo, nas vilas do centro da Galiza (Pereiro, 2004), sobre as relações entre os universos rurais e urbanos, tenho observado como os «vilegos» ou *vileiros* definem o que é um espaço bonito e um espaço feio, através de categorias culturais dicotómicas:

«Abrigoso»	—————	«Frio»	«Pobo»	—	«Saídas ou entradas
«Plano»	—————	«En costa»			dos pobos»
«Casa»	—————	«Piso»	«Ruídos»	—————	«Sen ruídos»
«Centro»	—	«Retirado do centro»	«Bonito»	—————	«Feo»

Um sítio «abrigoso» é um espaço «quente», resguardado do vento, com sol, não muito húmido nem frio e com tendência a ser plano; é o lugar ideal para residir ou para construir uma vivenda. Também pode estar associado ao «bonito», que é uma categoria de conteúdo alargado, não exclusivamente estética e funcional.

Pelo contrário, um sítio «frio» tende a ser ventilado, tende a estar na costa, no cimo de um outeiro, desprotegido do vento do norte-noroeste, onde não dá o sol, lugar de geadas, «laz» e nevadas, nele se diz que «dá o fresco».

No que concerne aos conceitos de «casa» e «piso», o terreno de um piso tende a ser mais caro, assim como a sua construção, mas o objectivo pode ser vender os apartamentos, obtendo assim amplos benefícios. Estes dois últimos conceitos estão intimamente relacionados com os valores da intimidade e privacidade, entendidos hierarquicamente como mais satisfeitos numa casa independente; numa casa-vivenda, «se cagas un peido non te sinten», diz uma informante.

O binómio centro e periferia é associado, neste ponto, à possibilidade de instalação comercial ou industrial. Por isso, o centro é valorizado como zona de instalação comercial, podendo utilizar

como tal a própria vivenda. A periferia é valorizada como zona de instalação industrial.

Os sítios de ruídos são categorizados como locais anexos às principais estradas de maior trânsito e zonas menos tranquilas.

E, finalmente as categorias «bonito» e «feio» estão longe de integrar apenas conteúdos estéticos. O bonito também integra conotações de sítio útil, cultivável, com sol. Pode praticar-se nele horticultura, para a qual é necessário água. Um sítio bonito também é um sítio «alegre», «independiente, pero á beira dos veciños porque se non non tes con quen falar, non tes con quen alegrarte», diz uma informante.

Por outro lado, o feio tende a entender-se como árido, ermo e de pouca produtividade, mas também isolado socialmente: «sen un veciño con quen falar», sublinhando assim a negação da possibilidade de relações de vizinhança imediata e ao mesmo tempo a importância das mesmas.

Aqui uma breve análise semântica do espaço na vila galega, um espaço pensado para viver e com o qual se estabelecem relações de topofilia. Mas as categorias dicotómicas apresentadas não devem entender-se como opostos radicais, mas sim como categorias de relação gradual com pontos intermédios de contacto. Estas categorias são articuladas em mapas mentais que interligam diferentes espaços e arquitecturas que por sua vez condensam valores, modos de viver e memórias sociais cheias de significados.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston (1967): *La poética del Espacio*. México: FCE.
 BOURDIEU, Pierre (1988): *La distinción. Criterio y bases sociales del gusto*. Madrid: Taurus.
 ECO, Umberto (1981, or. 1968): *La estructura ausente. Introducción a la Semiótica*, Barcelona: Lumen, pp. 323-389.
 — (2004): *Historia de la belleza*. Barcelona: Lumen.
 PEREIRO PÉREZ, Xerardo (2004): «Para uma antropologia das relações entre os mundos rurais e os mundos urbanos», *Revista Tellus (Vila Real)*.